



*25 de Abril, sempre. Fascismo
nunca mais!*

ANDRÉ CARRILHO.

Ilustrador, cartunista, animador e
caricaturista.

https://www.facebook.com/andre.carrilho.illustrator?locale=pt_PT

O TESOURO

(O PAÍS DAS PESSOAS TRISTES)

Adaptado do conto de MANUEL ANTÓNIO PINA

HÁ MUITO TEMPO, no tempo em que os teus pais ou avós andavam na escola, num país muito distante, vivia um povo infeliz e solitário, vergado sob o peso de uma misteriosa tristeza. O céu era alto e azul, os campos férteis, o mar e os rios cheios de vida, as cidades quentes e luminosas, mas as pessoas que passavam umas pelas outras entreolhavam-se com olhos tristes, caminhando apressadamente e sumindo-se assustadas, dentro das casas.

Quando se encontravam umas com as outras, nos cafés, nos empregos, na rua, falavam baixo, como se alguma coisa, um segredo terrível, as amedrontasse.

Quem, vindo de outras terras, chegava ao País das Pessoas Tristes, não compreendia. As pessoas eram boas e afectuosas, e aparentemente só tinham motivos para serem felizes. Mas quando lhes faziam perguntas sobre a sua tristeza, as pessoas afastavam-se e não

respondiam, ou mudavam delicadamente de assunto pedindo desculpa.

Às vezes, porém, os visitantes demoravam-se mais tempo, e depressa faziam amigos, porque era muito fácil fazer amigos naquele país. Levavam-nos então a suas casas e, depois de terem trancado bem as suas portas e fechado todas as janelas, revelavam-lhes o segredo da sua tristeza.

Contavam-lhe que o povo daquele país tivera um dia um imenso e belo tesouro e que alguém lho roubara. Esse tesouro era tão grande e tão valioso que, sem ele, não podiam ser felizes. -Um tesouro? – Perguntavam os visitantes, muito surpreendidos. – Sim, um tesouro...a LIBERDADE! – A liberdade, um tesouro?

Os visitantes nem queriam acreditar, porque nas suas terras a liberdade era uma coisa comum. Toda a gente era livre de fazer o que quisesse desde que não fizesse mal a ninguém, e isso era tão normal que as pessoas nem davam pela liberdade. Eram livres, do

mesmo modo que respiravam, e ninguém dá conta que respira; respira e pronto! - Sim, a Liberdade é como o ar que respiramos, - diziam os habitantes aos seus novos amigos, tristemente. – Só quando nos falta e sufocamos cheios de aflição, é que descobrimos que, sem ela, não podemos viver. – E como pode alguém viver sem liberdade? Como é possível? – Perguntavam, admirados, os visitantes.

Então explicavam-lhes: naquele país, as pessoas não podiam fazer o que queriam, nem podiam dizer o que pensavam ou sentiam, nem partir livremente, para visitar outros países e conhecer outros povos. Viviam fechados no seu país como se ele fosse uma prisão.

Nem sequer podiam contar este segredo que os afligia, porque seriam presos ou até mesmo mortos. – Mas isso deve ser uma grande infelicidade! – Diziam os visitantes. – Não admira que vocês estejam sempre tão tristes.

E os seus amigos, depois de irem espreitar de novo à porta para ver se lá fora, alguém os espreitava, contavam-lhes como era a vida de todos os dias no País das Pessoas Tristes. Havia polícias por toda a parte, não os polícias bons que orientam o trânsito e prendem os ladrões, mas polícias para vigiar as pessoas e impedir que elas falassem livremente umas com as outras sobre os seus problemas e tristezas.

Polícias nas fronteiras para não as deixar sair; até polícias que abriam as suas cartas e ouviam as suas conversas para descobrirem o que diziam e pensavam, e que as perseguiram e lhes batiam se elas não dissessem nem pensassem o que eles queriam que dissessem e pensassem.

Os meninos do País das Pessoas Tristes nem podiam ouvir as músicas, nem ver os filmes nem ler os livros e revistas de que gostavam, mas só as músicas, filmes, livros e revistas que não eram proibidos. Nem sequer podiam beber Coca-Cola,

porque a Coca-Cola (ninguém sabia porquê), era proibida! Os rapazes, quando cresciam, eram mandados para guerras horríveis em países longínquos, e obrigados a matar gentes que não conheciam e que nunca lhes tinham feito mal nenhum, e muitos deles morriam por lá ou regressavam loucos ou estropiados.

As raparigas e os rapazes não podiam conversar nem conviver uns com os outros, e tinham que andar em escolas separadas e brincar em recreios separados por muros e por grades. As raparigas não podiam vestir calças, e andar sem meias era também proibido.

– Mas por que é que vocês não votam em governantes que acabem com todas essas coisas más e que vos restituam a vossa Liberdade, o vosso tesouro? –

Perguntavam os visitantes, admirados. - Porque nós também não podemos votar e mesmo quando votamos, os resultados são sempre falseados em favor dos governantes!

Era espantoso! – Não podem votar? Então como escolhem os vossos governantes? - Mas nós não escolhemos os nossos governantes... – Então quem os escolhe? - Ninguém sabe...- respondiam, com tristeza, os habitantes do País das Pessoas Tristes.

Até que chegou um dia em que, no País das Pessoas Tristes, as pessoas decidiram reconquistar o seu tesouro. Os soldados reuniram-se nos quartéis e pegaram nas suas armas para arrancar finalmente o tesouro das mãos dos ladrões.

E toda a gente saiu alvoraçadamente para a rua e acompanhou os soldados, cantando e gritando: “Viva a Liberdade! Viva a Liberdade!” “Viva a Liberdade! Viva a Liberdade!”

Os corações exultaram de alegria e as janelas encheram-se de bandeiras e flores.

Os soldados puseram cravos vermelhos nas espingardas e as mulheres esqueceram-se

do jantar e das limpezas das casas, e correram para a rua com os filhos ao colo e cravos vermelhos ao peito, chorando e rindo, comovidas e confusas.

As pessoas que tinham sido expulsas do país e obrigadas a refugiar-se longe das suas famílias regressaram; as portas das cadeias onde estavam presas as pessoas que tinham tentado lutar pela liberdade abriram-se e estas pessoas voltaram a casa; os jovens vieram da guerra, felizes por estarem de novo rodeados dos amigos e abraçar os pais e irmãos; os meninos e meninas puderam, pela primeira vez, dar as mãos e falar e olhar-se, caminhando lado a lado sem medo de acusações nem de castigos de polícias maus.

Todo o país se transformou numa grande festa, ruidosa e transbordante de felicidade, e as pessoas deixavam sair livremente os sentimentos acumulados durante os anos de infelicidade. Era o dia 25 de Abril e, porque foi nesse dia

que aquele povo recuperou o tesouro da Liberdade, esse passou para sempre a chamar-se o Dia da Liberdade.

Esse país agora já não se chama País das Pessoas Tristes. Chama-se Portugal e é o teu país. Esta não é uma história inventada. É uma história verdadeira, que aconteceu mesmo, há trinta e cinco anos, e que se deve, em grande parte a homens muito valentes, que tiveram a coragem suficiente para te darem a Liberdade que hoje tens.

E o tesouro que tinham roubado àquele povo triste, pertence-te a ti, és tu que agora tens que cuidar dele, guardando-o muito bem no fundo do teu coração para que ninguém to roube outra vez.

Esta história é verdadeira, aconteceu mesmo e cabe-nos a nós guardar bem este tesouro para que mais ninguém o volte a roubar.

FIM

MANUEL ANTÓNIO PINA.
(Assírio & Alvim, 1994; abril de 2013).

UMA PALAVRA QUE JESUS NÃO DISSE



A PALAVRA «LIBERDADE» nunca é dita por Jesus em todas as frases que lhe são atribuídas no Novo Testamento. Não é que a palavra esteja ausente da linguagem dos primeiríssimos autores cristãos: a palavra grega «*eleuthería*» (liberdade) ocorre 11 vezes no Novo Testamento, mas nunca nos Evangelhos. Pela contabilidade das suas ocorrências, vemos que fica bastante atrás de «medo» (que ocorre 47 vezes no Novo

Testamento) e da palavra tradicionalmente traduzida por «pecado» (com 173 ocorrências).

A Jesus nunca é atribuída a palavra «liberdade» e só duas vezes pronuncia o adjetivo «livre»: numa frase (Mateus 17:26) tem o sentido de «isento» (em acepção fiscal); portanto, só é usada por ele em sentido próprio numa única passagem (João 8:36), na sequência daquela que é a única afirmação atribuída a Jesus que

intersecta indirectamente o tema da liberdade: «a verdade libertar-vos-á» (João 8:32).

Hoje vemos a liberdade como o bem mais precioso da sociedade humana e como a herança maior do Iluminismo setecentista e da Revolução Francesa. Sobre o papel do cristianismo na criação do modelo da democracia ocidental em que, como portugueses, temos o privilégio de viver, há duas abordagens radicalmente diferentes: há aquela que vê no cristianismo o motor dos valores humanos que permitiram a Europa livre em que hoje vivemos; e há a abordagem que parte da premissa contrária, de que a Europa se tornou livre à revelia do cristianismo ou, até mais precisamente, contra a vontade das igrejas cristãs (que apoiaram o colonialismo e se opuseram no século XIX à abolição da escravatura e no século XX ao sufrágio universal e no século XXI ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, etc. etc.). Já para não falar do casamento de conveniência entre

catolicismo e ditadura que, em Portugal e Espanha e em quase toda a América Latina, caracterizou o século XX.

A liberdade para nós é um bem incontestável - mas nem sempre foi assim. Numa das 11 ocorrências da palavra no Novo Testamento, lemos o aviso de que «liberdade» pode ser um «tapume da malvadez» (1 Pedro 2:16). Não há ditador que não concorde.

Quem escreve isto é o mesmo autor que afirma: «os escravos domésticos que se submetam com todo o temor aos amos, não só aos bons e mansos mas também aos retorcidos. Pois isto é uma graça, se por causa da consciência em relação a Deus alguém aguenta dores, sofrendo injustamente» (1 Pedro 2:18-19).

Hoje celebramos o facto de todos termos o direito de não sofrer injustamente às mãos de amos, de algozes e de ditadores - graças à palavra que hoje celebramos. A tal que Jesus, por alguma razão, não disse.

FREDERICO LOURENÇO.

Escritor, tradutor e professor universitário.

ESCUTAR A VOZ DE JESUS

Nalguns setores da Igreja, insiste-se mais do que nunca na necessidade de um «magistério eclesiástico» forte para dirigir os fiéis no meio da atual crise. Estes apelos não conseguem, no entanto, travar a sua crescente «desvalorização» entre amplos sectores de cristãos.

Na verdade, não poucas intervenções dos bispos provocam reações mistas. Alguns elogiam-nas fervorosamente, outros criticam-nas duramente, e a maioria esquece-as em poucos dias. Enquanto isso, no Evangelho recorda-se-nos algumas palavras de Jesus que nos interpelam a todos: «*As ovelhas seguem o pastor porque conhecem a sua voz*».

A primeira e decisiva coisa também hoje é que, na Igreja, os crentes escutam «a voz» de Jesus Cristo em toda a sua originalidade e pureza, não o peso das tradições nem a novidade das modas, não as «preocupações» dos eclesiásticos nem os «gostos» dos teólogos, não os nossos interesses, medos ou acomodações.

Isto exige não confundir a voz de Jesus Cristo com qualquer

palavra que se pronuncia na Igreja. Não devemos assumir que em todas as intervenções dos bispos, em toda a pregação dos presbíteros, em toda a escrita dos teólogos ou em todas as exposições dos catequistas, ouve-se fielmente a voz de Jesus.

Existe sempre um risco. De enchermos a Igreja de escritos e cartas pastorais, de documentos e livros de teologia, de catequese e pregações, substituindo com o nosso «ruído» a voz inconfundível de Jesus, o nosso único Mestre. O bispo santo Agostinho recordava-o uma e outra vez: «Temos um só Mestre. E, sob Ele, somos todos discípulos. Não nos tornemos em mestres pelo facto de falarmos do púlpito. O verdadeiro Mestre fala de dentro».

Devemos perguntar-nos se a palavra que se escuta na Igreja provem da Galileia e nasce do Espírito do Ressuscitado. Isto é o decisivo, pois o magistério, a pregação ou a teologia devem ser um convite para que todos e cada um dos crentes escutem de forma fiel a voz de Cristo. Só quando se «aprende» algo de Jesus é que nos tornamos seus seguidores.